

MATIZES SEMIÓTICAS DE UMA APRESENTAÇÃO

Gicelma Chacarasqui*

Minhocas arejam a terra. Poetas, a linguagem.

Manoel de Barros - LIVRO DE PRÉ-COISAS.

Para Borges (1982), a história é um rio interminável que “pasa y queda”, que a tudo conduz no seu movimento eterno. A leitura não é nova, obviamente vem da tradição grega, de Heráclito (citado por Borges). A ideia de que o mundo contemporâneo se constitui pelo fluxo de passagem, de que tudo o que é sólido se dissolve no ar e de que vivemos a constante crise dos referenciais de verdade, herdados pela tradição das luzes, é um traço marcante das poéticas da atualidade que traduzem os movimentos constantes e fragmentados – próprios dos modos de conhecimento estéticos da América Latina – o caráter de incerteza e transitoriedade das coisas, prefiguradas por nihilismos, ilogismos, metamorfoses, antipassadismos, despersonalizações, sugestões, fragmentações, figurativismos, oxímoros e metáforas palimpsésticas, que buscam romper a unidade do discurso, dissolvendo os limites espaciais e temporais.

Enfim, nossos escritores estão sempre à margem do rio de Heráclito, força propulsora de suas poéticas. Este volume da *Raído* é a tentativa de lançar-se nas malhas dessa saudável poética de incertezas, dos interrogantes, do salto no vazio eloquente das verdades colocadas em cheque por artistas que se movem na fronteira, nas ruínas das próprias línguas. Poéticas inquietadoras, paradoxais, que têm desconcertado os que se debruçam sobre elas dando-lhes uma sensação de vertigem que somente grandes artistas podem provocar e que reflete o arejamento comentado poeticamente na epígrafe de Manoel de Barros que abre esta apresentação.

Em sintonia com as discussões mais recentes sobre a integração do conhecimento científico, a semiótica, uma ciência naturalmente transdisciplinar, está impregnada com a necessidade de se construir saberes em conformidade com a totalidade de nossa experiência no mundo. Em linhas gerais, a amplitude dos estudos semióticos, considerando sua vocação para a multi e transdisciplinar, somado às práticas literárias e culturais, foi o ambiente de ideias que motivou esse número da *Raído*, pois interessa-nos compartilhar inquietações e resultados de pesquisa e estudos de semiótica e suas áreas de intermediação e interlocução, como por exemplo, a literatura e os estudos culturais e as reflexões no que se refere à formulação de problemas da cultura em sua área de atuação.

* Gicelma Chacarasqui é Doutora em Comunicação e Semiótica. Professora da UFGD onde leciona, nos níveis de Graduação e Mestrado. Desenvolve pesquisas na área, salientando o lugar da semiótica como ciência que estuda os fenômenos da vida social e cultural e sua interação com outras linguagens.

Os estudos de semiótica têm aberto seus domínios para além dos preconceitos elitistas quanto ao texto “literário” e artístico. Entende-se que dentro de uma visão textual dinâmica, a qual privilegia o fazer e o vir-a-ser da escritura, o ponto de partida e o ponto de chegada de uma obra são apenas recortes artificiais, já que cada etapa contém virtualmente o objeto acabado, cai a ideia da obra entregue ao público como sacralização e cristalização da perfeição. Desta forma, o texto artístico é entendido aqui com as noções de texto, intertexto e hipertexto e impõe que, numa concepção atual, seja questionado como tal, ou como afirma Pascale Casanova (2002) de que só a totalidade do espaço mundial é que poderia dar sentido e coerência à própria forma dos textos.

Assim, fica claro que o problema semiótico não parece se manifestar como representação imediata das coisas do mundo, mas como entendimento. Tampouco se revela como propriedade dos objetos culturais. Pelo contrário, nasce de elaborações e não se desvincula das contingências sem as quais nenhuma investigação sobrevive. Eis o coração da pesquisa semiótica: ela não é decorrência do signo, mas da *semiose* (*semeiosis*), da ação do signo na construção de possibilidades de significação. O estudo da *semeiosis* demanda, pois, elaboração metodológica, formulação do problema de pesquisa enquanto objeto de investigação.

Entender o problema semiótico exige reconhecer qual o papel que a linguagem, de fato, exerce na cultura. Isso porque, ao contrário da ideia corrente, a linguagem não se limita a ser um mero “veículo” de transporte de um sentido de um ponto a outro, de modo que caberia à análise semiótica meramente “desvelá-lo”. A linguagem organiza os sistemas de signos que compõem a cultura e, por conseguinte, cria possibilidades de tangenciar o universo dos sentidos.

Por conseguinte, a *semiose*, ou seja, a ação inteligente do signo, capaz de gerar outro signo, igualmente se encontra na base do problema semiótico. Isso impede que a semiótica seja vista por um viés identitário, pois não cabe a ela dizer qual “é” o sentido de algo, mas oferecer uma epistemologia capaz de dar condições para discriminar o espaço de relações que envolvem o devir das linguagens e dos sentidos na cultura.

Portanto, pelo viés intersemiótico de análise das obras em estudo e composição das mesmas, apreendemos o cruzamento de aspectos que fundamentam as poéticas evidenciadas nesse volume, quanto às diferenças e similitudes, motivadas por identidades que se realizam em espaços culturais diversos, através de óticas distintas. A articulação desses aspectos proporcionou um conjunto de pesquisa integracionista que promoveu a atualização de conhecimentos sobre semiótica, literatura, artes e estudos culturais, bem como pode levar a renovação de conhecimentos sobre o *corpus* proposto, através de novas ideias e questionamentos. Mergulhemos no rio caudaloso da leitura!